

# A Globalização da paz solidária

Antônio Souza Prudente\*



Nesta virada do Século, os programas de “estabilização econômica” e de “ajuste estrutural” impostos pelo FMI e pelo Banco Mundial aos países em desenvolvimento, como condição para a renegociação da dívida externa, têm levado milhões de pessoas ao empobrecimento e à extrema miséria, a exemplo do quadro falimentar de nossos irmãos argentinos, postos a receber em doses letais a extrema-unção diabólica do Fundo Monetário Internacional, qual “genocídio econômico” levado a cabo pela deliberada manipulação das forças de mercado.

O Brasil está mergulhado, infelizmente, nesse contexto histórico, tragicamente comandado pelo capitalismo colonialista, aéreo e global, sem adversário estratégico, totalmente indiferente aos valores humanos e sociais.

É lamentável ver-se um País como este, de dimensão continental, com imensas riquezas e belezas naturais, inteiramente exposto à cupidez alienígena e poluído de milhões de miseráveis de todas as idades, sem saúde, sem teto, sem terra, sem pão e educação e sem nada, com índices alarmantes e sempre mais crescentes de violências e criminalidades, ante a postu-

ra discursiva e omissiva de nossos governantes, sem pronta solução.

Ora, o Brasil não é “isso”, como já dizia o grande Rui, no início do século passado. “O Brasil, senhores, sois Vós. O Brasil é esta assembléia. O Brasil é este comício imenso de almas livres. Não são os comensais do Erário. Não são as ratazanas do Tesouro. Não são os mercadores

do Parlamento. Não são as sanguessugas da riqueza pública. Não são os falsificadores de eleições. Não são os compradores de jornais. Não são os corruptores do sistema republicano. Não são os oligarcas estaduais. Não são os ministros da tarraxa. Não são os presidentes de palha. Não são os publicistas de aluguel. Não são os estadistas de impostura. Não são os diplomatas de marca estrangeira. São

as células ativas da vida nacional. É a multidão que não adula, não teme, não corre, não recua, não deserta, não se vende. Não é a massa inconsciente, que oscila da servidão à desordem, mas a coesão orgânica das unidades pensantes, o oceano das consciências, a mole das vagas humanas, onde a Providência acumula reservas

“*...o sentimento patriótico não é incompatível com o fenômeno da globalização solidária, a única capaz de salvar a humanidade da tragédia apocalíptica, a que nos leva o egoísmo dos mercados financeiros internacionais...*”

\* Juiz do TRF – 1ª Região, Mestre em Direito Público, Doutorando em Direito pela UFPE e Professor Decano da Universidade Católica de Brasília.

inesgotáveis de calor, de força e de luz para a renovação das nossas energias. É o povo, num desses movimentos seus, em que se descobre toda a sua majestade.”<sup>1</sup>

Ante a experiência agressiva e fracassada da globalização econômica, no processo histórico em que vivemos ou tentamos sobreviver, frente às manifestações terroristas de esquerda e de direita, fundamentalistas ou não, em todo o planeta, nunca será demais lembrar o *patriotismo* tão necessário aos dias de hoje, e, ainda, tão bem definido pela cultura universal do jurista baiano, nestas letras:

Não vos iludais com essas falsificações abominandas. O sentimento que divide, inimiza, retalia, destrói, amaldiçoa, persegue, não será jamais o da pátria. A pátria é a família amplificada. E a família, divinamente constituída, tem por elementos orgânicos a honra, a disciplina, a fidelidade, a benquerença, o sacrifício. É uma harmonia instintiva de vontades, uma desestudada permuta de abnegações, um tecido vivente de almas entrelaçadas. Multiplicai a célula, e tendes o organismo. Multiplicai a família, e tereis a pátria. Sempre o mesmo plasma, a mesma substância nervosa, a mesma circulação sangüínea. Os homens não inventaram, antes adulteraram a fraternidade, de que Cristo lhes dera a fórmula sublime, ensinando-os a se amarem uns aos outros: *Diliges proximum tuum sicut te ipsum*.

Dilatai a fraternidade cristã, e chegareis das afeições individuais às solidariedades coletivas, da família à nação, da nação à humanidade. Objetar-me-eis com a guer-

ra? Eu vos respondo com o arbitramento. O porvir é assaz vasto, para comportar essa grande esperança. Ainda entre as nações, independentes, soberanas, o dever dos deveres está em respeitar nas outras os direitos da nossa. Aplicai-o agora dentro nas raías desta: é o mesmo resultado: benqueiramo-nos uns aos outros, como nos queremos a nós mesmos.<sup>2</sup>

Como se vê, o sentimento patriótico não é incompatível com o fenômeno da globalização solidária, a única capaz de salvar a humanidade da tragédia apocalíptica, a que nos leva o egoísmo dos mercados financeiros internacionais, como, assim, já o reconhece Klaus Schwab, Presidente do Fórum Econômico Mundial, que se iniciara, em 31 de janeiro deste ano, em Nova York, onde os 106 países participantes estão a discutir, com a presença ativa de organizações não-governamentais de todo o mundo, sob o tema *Liderança em Tempos Frágeis – Uma Visão para o Futuro Comum*, questões relevantes à construção da paz mundial, tais como, a restauração do crescimento sustentado, segurança e vulnerabilidade, redefinição dos desafios empresariais, redução da pobreza e a busca da igualdade, compartilhando valores e respeitando as diferenças

“ ... somente a instalação de uma ordem jurídica justa poderá conduzir o ser humano a cumprir sua vocação natural de construtor da vida, no processo de globalização da paz. ”

<sup>1</sup> Oliveira, Rui Caetano Barbosa de (Rui Barbosa) *Campanhas Presidenciais* - Vol. IV – Editora Itacema Ltda. – SP – p. 222.

<sup>2</sup> Oliveira, Rui Caetano Barbosa de (Rui Barbosa) *Textos Escolhidos* – Editora AGIR – Rio de Janeiro – 1962, p. 48.

e, ainda, a reavaliação da liderança e o conceito de governança, pois, na acertada observação de Mauro Santayana, “ao se tornar virtualmente global, o mundo começou a tornar-se realmente global: se a riqueza não foi distribuída aos pobres, a violência e a angústia provocada pelo medo começaram a ser distribuídas aos ricos”<sup>3</sup>.

Em outro extremo continental, realiza-se, também, em Porto Alegre (RS), o III Fórum Social Mundial, em que se busca *um outro mundo possível*, com a participação de, aproximadamente, 50 (cinquenta) mil pessoas e o apoio da Organização das Nações Unidas (ONU), visando a discutir temas fundamentais, como o *desenvolvimento sustentável* – alternativas para conciliar o crescimento econômico e o respeito ao meio ambiente; a *participação popular* – experiências como o orçamento participativo que aumentou o poder da comunidade de participar ativamente das decisões dos governos municipais, estaduais e nacionais; a *economia solidária* – novas formas de distribuir renda e gerar emprego; *direitos das minorias* – como assegurar a mulheres, negros, homossexuais, povos indígenas e a outras minorias direitos plenos; *acesso à terra* – como avançar a reforma agrária e garantir a sobrevivência econômica dos pequenos agricultores, incluindo-se o combate aos alimentos transgênicos (geneticamente modificados); a *taxa Tobin* – a aplicação de uma espécie de CPMF (o popularmente conhecido imposto do cheque) sobre toda a movimentação financeira internacional, cuja receita arrecadada seria destinada ao combate à pobreza universal; o *perdão da dívida* – os países mais

pobres, especialmente da África e da América Latina, teriam suas dívidas externas perdoadas em troca de investimentos maciços na eliminação da miséria planetária; o *protocolo de Kyoto* – a assinatura imediata do acordo que prevê a redução da emissão de gases causadores do efeito estufa, posto que os Estados Unidos, maiores poluidores da atmosfera, recusaram-se a ratificar esse protocolo; e o *fim dos paraísos fiscais*, com vistas a diminuir o sigilo bancário, em países considerados paraísos fiscais, para facilitar as investigações de crimes de corrupção e formação de quadrilhas nacionais e internacionais.

A discussão desses temas importantes, em fóruns mundiais, visa à construção da paz universal, pois todos os seres vivos precisamos de paz. E a paz, como adverte a encíclica papal *Gaudium et Spes*, “ não é a mera ausência de guerra, nem se reduz ao simples equilíbrio de forças entre os adversários, nem é o resultado de opressão violenta: antes é, adequada e propriamente, definida “obra da justiça” (Is 32, 7). É fruto da ordem que o seu Fundador divino inseriu na sociedade humana. Deve ser realizada, em perfeição progressiva, pelos homens que têm sede de justiça. Pois, embora o bem comum do gênero humano seja moderado em seus princípios fundamentais pela lei eterna, em suas exigências concretas, fica sujeito a contínuas mudanças, no decorrer dos tempos: a paz nunca é conquistada de uma vez para sempre; deve ser continuamente construída”<sup>4</sup>.

De ver-se, pois, que, somente a instalação

<sup>3</sup> Santayana, Mauro “Dois Mundos” – Caderno Opinião – Correio Braziliense – Edição de 30 de janeiro de 2002, p. 5 – Brasília – DF.

<sup>4</sup> Kloppenborg, Frei Boa Ventura – O.F.M. “Compêndio do Vaticano II – constituições, decretos e declarações”, 3ª Ed. Vozes, RJ – 1968, p. 158.

de uma ordem jurídica justa poderá conduzir o ser humano a cumprir sua vocação natural de construtor da vida, no processo de globalização da Paz.

Nesse contexto, o Juiz do Terceiro Milênio tem papel relevante na edificação da paz, no meio social, e, por isso está autorizado pela consciência da cidadania plena e pela ordem jurídica justa a decidir, com total independência, em juízo sumário, com base na verossimilhança das alegações e probabilidades da vontade da lei, já não mais aceitando a condição passiva de locutor impotente e amordaçado pela norma legal, como assim o quis Montesquieu, no passado, e assim o quer, no presente, os condutores da globalização econômica e do capitalismo financeiro, no mercado internacional.

Estamos vivendo, hoje, assim, na plenitude do poder geral de cautela do juiz, que de há muito romperá as mordaças da doutrina liberal, para garantir o retorno do cidadão, neste novo sécu-

lo, capaz de reedificar o mundo pela consciência dos homens, no exercício da comunhão de sentimentos e da solidariedade, que se ilumina na inteligência criativa e serviente à aventura da vida, no processo de construção de uma democracia plenamente participativa.

Ainda nesse último Encontro Mundial Ecu-  
mênico de oração pela paz, realizado em Assis (Itália), no dia 24 do mês corrente, o Papa João Paulo II conclama os Jovens do Terceiro Milênio a serem sentinelas da paz, rumo ao futuro que amanhece, animados pelo espírito de Francisco de Assis, que é o Espírito Santo, garantidor da paz duradoura e universal, pois, na visão ecumênica do Sumo Pontífice, a oração pela paz não se traduz num ato de isolamento histórico entre os homens, mas no enfrentamento contínuo dos problemas, com a ajuda permanente das forças do alto, das forças do bem, que nos revelam a presença constante de Deus entre nós.



## Súmulas

**O TRF – 1ª Região coloca à disposição da comunidade jurídica, no endereço [www.trf1.gov.br](http://www.trf1.gov.br), todas as suas Súmulas e, ainda, as do Supremo Tribunal Federal, do Superior Tribunal de Justiça, do extinto Tribunal Federal de Recursos e dos demais Tribunais Regionais Federais.**